



**CULTURA DIGITAL JOVEM:
AS TIMS INVADEM AS PERIFERIAS, E AGORA?**

DIGITAL YOUTH CULTURE:
THE TIMS INVADE PERIPHERIES, AND NOW?

DIGITAL JUVENTUD CULTURA:
LA INCURSIÓN TIMS PERIFERIAS, ¿Y AHORA QUÉ?

*Márcia Gonçalves Nogueira¹
Maria auxiliadora Soares Padilha²*

RESUMO: O objetivo deste trabalho é apresentar uma revisão da literatura sobre Cultural Digital Jovem e as transformações provocadas pela disseminação das Tecnologias da Informação e Comunicação Móveis e Sem FIO (TIMS) nas periferias da região metropolitana do Recife. Para tanto, buscamos identificar como jovens de periferia, estudantes do ensino médio de uma escola pública, vivenciam a Cultura Digital) em diferentes espaços sociais, entre eles a escola, palco de muitas tensões e conflitos geracionais e de linguagem quanto ao uso social e cultural desses dispositivos móveis. Destacamos algumas abordagens teóricas relativas ao fenômeno da comunicação móvel e o conceito de Cultura Digital, adotado neste trabalho. Propondo uma reflexão sobre o papel da escola no atual contexto social de constantes transformações culturais e multimodalidade linguística da era digital. E, por fim, apresentamos um exercício de olhar sobre as Culturas Juvenis, a partir de diferentes teóricos, para melhor compreender os múltiplos trânsitos percorridos pelos jovens pesquisados para se expressar e dar sentido às suas produções audiovisuais, mediadas pelas TIMS. Essa discussão teórica foi utilizada na dissertação de mestrado em Educação Matemática e Tecnológica de uma das autoras. Assim sendo, esperamos contribuir para novas pesquisas sobre Cultura Digital jovem em contexto de periferia.

PALAVRAS-CHAVE: Cultura digital jovem. Cultura escolar. Jovens de periferia. Produção audiovisual.

ABSTRACT: Objective of this work is to present a literature review on Young and the Digital Cultural transformations caused by the dissemination of Information Technology and Communication Mobile and wireless (TIMS) on the outskirts of the metropolitan area of Recife. To this end, we seek to identify how young periphery, high school students of a public school, they experience the Digital Culture in different social spaces; among them the school, scene of many tensions and generational conflicts and language as social and cultural use of these mobile devices. We highlight some theoretical approaches to the phenomenon of mobile communication and the concept of Digital Culture, adopted in this work. Proposing a reflection on the role of school in the current social context of constant cultural and linguistic transformations multimodality of the digital age. Finally, we present an exercise of looking on Youth Cultures, from different theoretical, to better understand the multiple transits covered by surveyed youth to express themselves and make sense of their audiovisual productions, mediated by TIMS. This theoretical argument was used in the dissertation in

¹ Mestre em Educação Matemática e Tecnológica pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Recife (PE). E-mail: marciagnog@gmail.com

² Pedagoga, Mestre em Educação e Doutora em Educação pela Universidade Federal de Pernambuco. Professora do Programa de Pós-Graduação em Educação Matemática e Tecnológica da Universidade Federal de Pernambuco. Recife (PE) – Brasil. Email: dorapadilha@gmail.com

Submetido em: 14/06/2014 – **Aceito em:** 07/08/2014.

mathematics education and technology by one of the authors of this article. Therefore, we hope to contribute to further research on Digital Youth Culture in the context of the periphery.

KEYWORDS: Young digital culture. School culture. Young periphery. Audiovisual production.

RESUMEN: El objetivo de este trabajo es presentar una revisión de la literatura sobre Young y las transformaciones culturales digitales causadas por la difusión de la tecnología de la información y de la comunicación móvil e inalámbrica (TIMS) en las afueras de la región metropolitana de Recife. Con este fin, tratamos de identificar cómo los jóvenes periferia, los estudiantes de secundaria de una escuela pública, experimentan la Cultura Digital en los distintos espacios sociales; entre ellos la escuela, escenario de muchas tensiones y conflictos y el lenguaje como uso social y cultural de estos dispositivos móviles generacionales. Destacamos algunas aproximaciones teóricas al fenómeno de la comunicación móvil y el concepto de la Cultura Digital, adoptada en este trabajo. Proponer una reflexión sobre el papel de la escuela en el contexto social actual de constante cultural y lingüística transformaciones multimodalidad de la era digital. Por último, se presenta un ejercicio de mirar sobre culturas juveniles, de diferentes teóricos, para comprender mejor las múltiples tránsitos cubiertos por los jóvenes encuestados para expresarse y dar sentido a sus producciones audiovisuales, mediadas por TIMS. Este argumento teórico se utilizó en la tesis doctoral en educación matemática y tecnología por uno de los autores de este artículo. Por lo tanto, esperamos contribuir a fomentar la investigación sobre Cultura Digital de la Juventud en el contexto de la periferia.

PALABRAS CLAVE: Cultura digital young. Cultura escolar. Periferia young. Producción áudio-visual.

1 AFINAL, DE QUE CULTURA ESTAMOS FALANDO?

Na atualidade, a imagem do jovem está associada às TIMS - Tecnologias da Informação e Comunicação Móveis e Sem Fio (SACCOL, 2011) e por isso os olhares de muitos estudiosos estão voltados para os reflexos provocados por esse fenômeno da Cultura Digital entre os jovens, principalmente na educação, palco de muitas tensões e conflitos geracionais e de linguagem. Presenciamos, então, conflitos constantes de poder, onde de um lado está uma cultura jovem digital, ansiosa por utilizar e explorar as potencialidades das tecnologias digitais, e em contrapartida, uma cultura escolar analógica temerosa dos efeitos e consequências da proliferação dessas tecnologias dentro da escola, espaço educativo que parece permanecer dissociado da Cultura Digital na qual essa geração está inserida. Desse modo, algo que de imediato vem à mente: como se pensar uma educação, além da escola, ou seja, no sentido de formar sujeitos letrados com habilidades e competências para enfrentar essa nova forma de organização social em rede que emerge com a Cultura Digital?

Para iniciarmos essa discussão precisamos identificar o tipo de cultura de que estamos falando; se jovens de periferia possuem modos diferenciados de viver a Cultura Digital e se esses modos influenciam suas práticas cotidianas. Assim sendo, propomos uma abordagem

teórica relativa ao fenômeno da comunicação móvel e o conceito de Cultura Digital adotado nesse trabalho, levando-nos à reflexão sobre o papel da escola no atual contexto social de constantes transformações culturais e multimodalidade linguística presentes em todos os espaços sociais. E com isso fazer um exercício de olhar sobre as Culturas Juvenis, a partir de diferentes teóricos, para melhor compreender os múltiplos trânsitos percorridos pelos jovens para se expressar e dar sentido às suas produções audiovisuais, mediadas pelas TIMS.

2 AS TIMS INVADEM AS PERIFERIAS. E AGORA?

Brasil fecha 2013 com 271,10 milhões de acessos móveis (Agência Nacional de Telecomunicações - ANATEL, 2013).

O título da notícia³, extraída do site da Agência Nacional de Telecomunicações - ANATEL, se interpretada além da visão mercadológica, serve de alerta à sociedade brasileira sobre o crescente número de adesões a linhas telefônicas móveis, que comparado aos dados recentes do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística⁴ (IBGE), chega a ultrapassar o de 202 milhões de habitantes brasileiros. Os dados apenas confirmam o cenário atual vivenciado pela sociedade em que estar conectado passou a ser uma necessidade social, transparecendo, assim, que “não estar conectado pode significar estar excluído, fora do círculo de conversa, de um modo ou de todo um estilo de vida” (PELLANDA, 2009, p.92). Hoje, o que se vê nas ruas são pessoas falando, teclando, portando celular, muitas vezes mais de um celular, e, sem esquecer os modelos que permitem mais de um *chip*.

Dados da ANATEL registram que o Brasil fechou 2013 com 271,10 milhões de linhas ativas na telefonia móvel e com acréscimo de 580,92 mil linhas, somente no mês de dezembro. O acesso via planos pré-pagos, nesse mesmo mês, totalizou 211,58 milhões (78,05% do total), enquanto os pós-pagos 59,52 milhões (21,95%). A partir dos dados, percebe-se que o potencial interativo oferecido pelas TIMS e a facilidade de acesso (equipamentos e serviços) têm proporcionado a um número cada vez maior de pessoas – de todas as classes sociais - de usufruir das informações que transitam nos meios digitais, potencializando, dessa forma, um “movimento de hibridação entre as práticas cotidianas e as digitais” (MAIA, 2013, p. 61), ou seja, novos estilos e valores surgem a cada nova

³ Notícia disponível no site da ANATEL: <http://www.anatel.gov.br/Portal/exibirPortalInternet.do>

⁴ Informação disponível no site do IBGE: <http://www.ibge.gov.br/home/>

tecnologia, também, em contexto de periferia, algo que antes, por causa do poder aquisitivo, era restrito às classes mais favorecidas (AB).

A popularização desse tipo de tecnologia tem sido ‘oportunizada’ pelo barateamento dos dispositivos móveis e serviços oferecidos pelo mercado de telefonia móvel tomando dessa forma, grandes proporções, que vão além de um estilo de vida, sobretudo, produzindo impactos socioculturais relevantes na sociedade, principalmente na escola. Por meio de um questionário *on-line* aplicado a 18 (dezoito) participantes da oficina de vídeos de bolso⁵, objetivando identificar o contexto de Cultura Digital desse grupo, ficou evidenciado que a atividade de **menor** importância entre os jovens é acessar a televisão, com 13 respostas, e a de **maior** importância é *acessar a internet*, com 12 respostas. Ficando comprovado, mais uma vez, que o celular tornou-se o principal meio de acesso à internet por esse grupo social, conforme ilustrado no Gráfico 1.

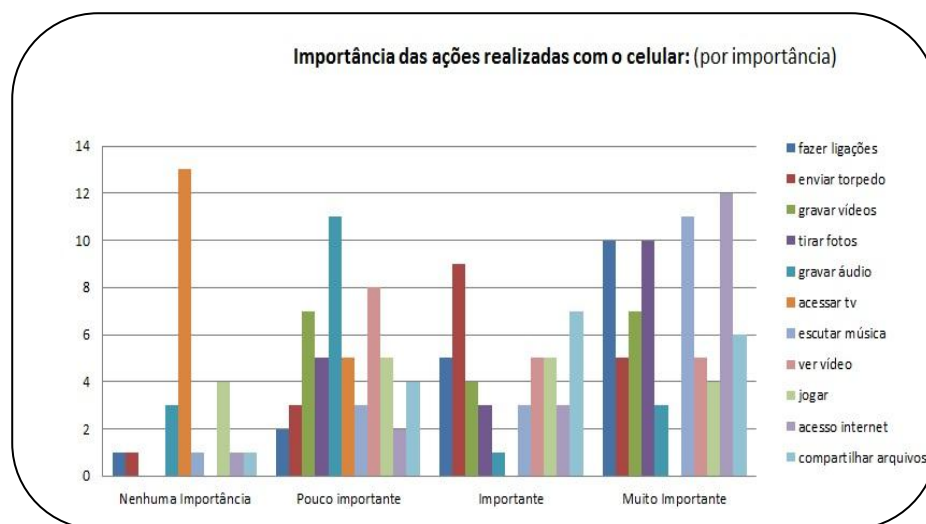


GRÁFICO 1 – Práticas digitais com o uso do celular

Há alguns anos, precisamente em 2005, Lemos já conjecturava a expansão da telefonia móvel ao afirmar na época que “há hoje mais usuários de celular do que internautas no mundo e esse dado tende a crescer, sendo hoje o celular e a televisão (os projetos de TV digital) vistos como formas de inclusão digital” (2005, p. 6). A afirmação dava indícios que frente à emergência das novas tecnologias de informação e comunicação sem fio no espaço urbano, os usuários, por si só, tenderiam a se incluir e interagir nos processos comunicacionais da Cultura Digital com a popularização das tecnologias digitais e

⁵ Oficina de Vídeo de Bolso ofertada pelo Programa de Extensão Proi-Digital da Universidade Federal de Pernambuco – UFPE.

consequentemente com práticas digitais cada vez mais cotidianas, e, ao mesmo tempo, mais complexas. “Isso é um prenúncio de que é interagindo dessa forma que eles estarão, daqui para frente, fazendo mais coisas e dedicando mais tempo e atenção de suas vidas” (COSTA, 2002, p. 15). Contudo, o Gráfico 2 comprova, também, que a falta de poder aquisitivo para colocar créditos no celular os impede de estar sempre conectados à internet. O que mais surpreendeu nos dados foi que seis respondentes declararam não escrever pelo celular. Pode-se presumir que a falta de crédito no celular não permite que eles estabeleçam a comunicação por meio de torpedos, prática bastante usual da geração digital. Então, perguntei durante a oficina se eles utilizam o *WhatsApp* (aplicativo de celular que funciona como meio de comunicação quando conectado à internet), mas nenhum deles declarou conhecer o aplicativo. A falta de crédito pode também justificar as respostas de cinco respondentes jovens ao afirmarem não ler, e na mesma proporção, não navegarem na internet pelo celular.

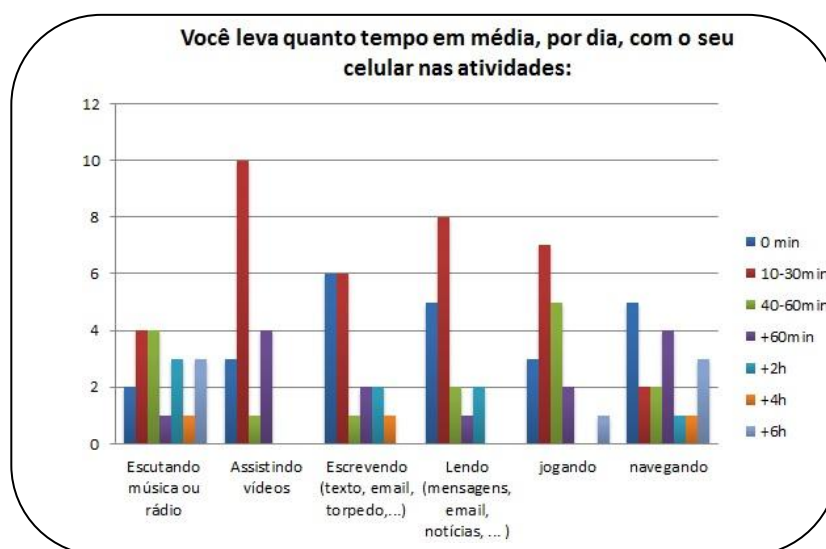


GRÁFICO 2 – Tempo gasto em algumas atividades com o celular

Em relação à crescente adesão às TIMS por jovens de classes mais populares, essa informação pode ser comprovada com dados mais recentes de uma pesquisa desenvolvida a pelo CETIC.br⁶ com 18.996 pessoas que possuem celular, constatando que jovens de classes mais populares são os principais usuários de planos pré-pagos, representando 97% dos usuários na faixa etária de 10 a 15 anos e 92% na faixa etária de 16 a 24 anos, com renda familiar de até dois salários mínimos. Diante dos números, pressupõe-se que tais impactos

⁶ Conforme dados do Centro de Estudos sobre as Tecnologias de Informação e Comunicação - CETIC.br baseada em 18.966 pessoas que possuem telefone celular. Pesquisa feita em 2011. Disponível em: <http://cetic.br/usuarios/tic/2011-total-brasil/rel-semfio-03.htm>.

são ainda mais visíveis nesse grupo social, pois “cada vez mais, essa parcela da população utiliza a internet em sua vida cotidiana, incorporando progressivamente novas tecnologias de acesso como notebooks, celulares e *Tablets*” (CGI, 2013, p. 21).



GRÁFICO 3 – Conteúdos midiáticos produzidos pelos jovens

Os jovens, apesar das dificuldades de acesso, exploram as potencialidades das TIMS a partir dos usos e aplicações em diferentes contextos sociais (trabalho, família, amigos, igreja) em modo *off-line*. Tirar fotos continua sendo a atividade preferida dos jovens, seguida da produção de vídeos e em menor número a produção de áudio (Gráfico 3). A possibilidade de produção de conteúdos multimidiáticos com o uso de TIMS se insere nesse novo cenário de Cultura Digital jovem de periferia como forma de minimizar a brecha digital entre conectados e desconectados, produtores e consumidores. O ato de produzir suas próprias mídias (e não apenas consumir), de ser crítico, de compartilhar e de disseminar conhecimentos e cultura é uma forma emergente desse grupo se incluir digitalmente.

É pelo panorama atual que essa nova era (digital) tem sido chamada cultura do acesso, ou seja, a partir da democratização do acesso às tecnologias digitais, surge uma nova cultura que coloca as pessoas em meio a uma revolução técnica e cultural cuja tendência natural é de se alastrar cada vez mais em razão do barateamento dos equipamentos e serviços (SANTAELLA, 2003). Em decorrência disso, despontam novas práticas socioculturais, reconfigurando os processos de identidade, de socialização e o modo como as novas gerações se relacionam com o mundo e com os outros. Como aponta Maia (2013), o espaço urbano está sendo reestruturado, e, ao mesmo tempo, desterritorializado, ao possibilitar que as tecnologias digitais sejam acessíveis a toda a população, e não somente às classes mais

favorecidas. Enganam-se os que ainda acreditam que a periferia não tem acesso às novas tecnologias e, mais especificamente, à internet.

No que se refere ao acesso à internet (Gráfico 4), a maioria afirma acessar de sua própria casa. Conclui-se que as classes mais populares estão de fato priorizando a conectividade como uma necessidade básica. Enquanto onze respondentes afirmam acessar na escola. É importante ressaltar que na escola onde aconteceu a oficina é proibido utilizar o celular dentro da sala de aula. Então, presume-se que os jovens estão participando das mídias digitais sem a mediação da escola.

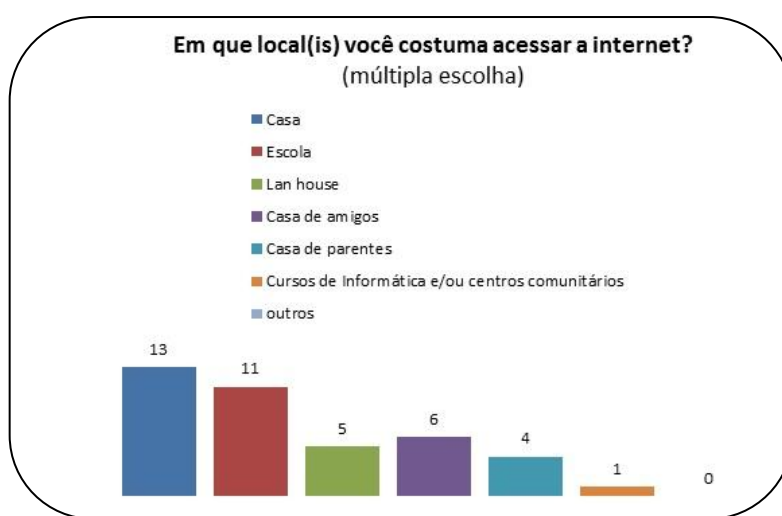


GRÁFICO 4 - Locais de acesso à Internet

Com a “invasão” permissiva das Tecnologias Móveis Sem Fio (TIMS) em todos os espaços sociais, instaura-se uma necessidade social emergente de se mediar e incentivar práticas de letramento(s) digital(is), ou seja, preparar os jovens para o uso social para que eles se beneficiem das tecnologias por meio de práticas mais reflexivas e menos consumistas. Um dos hábitos adquiridos com o fenômeno da comunicação móvel, presente não somente nos jovens, mas em boa parte da sociedade, é a necessidade constante e, até mesmo, incontrolável de estar conectado e ciente de todas as informações que chegam ao celular (torpedos, mensagens oriundas das redes sociais, ligações). Os jovens não largam seus celulares, esta é uma prática cultural presente em todas as classes sociais. O Gráfico 5 demonstra a relação que os jovens mantêm com o celular. A metade dos participantes (nove) afirma que consulta o celular toda vez que vibra, indicando que esse hábito faz parte do cotidiano e acontece independentemente do lugar e do horário, inclusive, na sala de aula, onde o uso é proibido por professores e gestores educacionais.

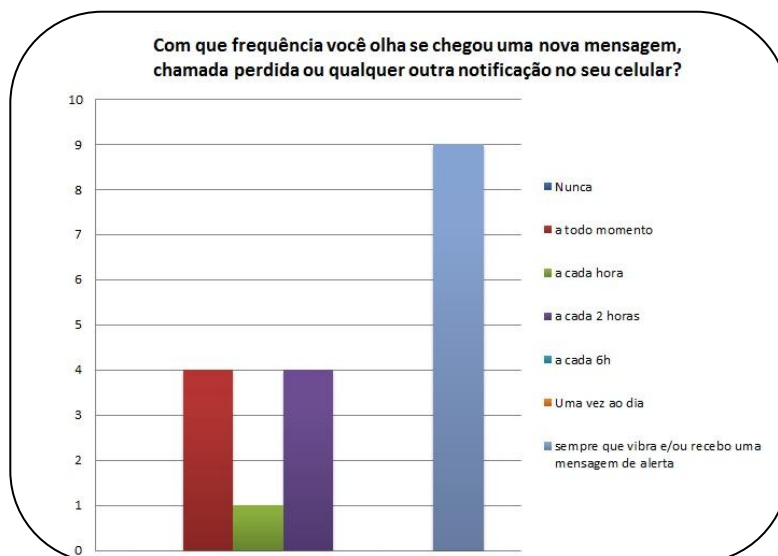


GRÁFICO 5 - Notificação pelo celular

A pesquisa *TIC Kids Online 2012*⁷ apresenta dados importantes sobre a percepção das crianças e adolescentes quanto ao uso das tecnologias por diferentes gerações. Eles declararam saber mais sobre internet do que seus pais, variando entre 68% nas classes AB, 77% na classe C e 78% nas classes DE. Esses dados apenas confirmam que o modo como eles incorporam as tecnologias em suas práticas cotidianas é diferente da forma com os pais e professores, por exemplo, as compreendem e utilizam, implicando, com isso, num distanciamento entre as gerações, não somente de ordem cronológica, mas principalmente relacionada à língua(gem).

Os jovens de hoje fazem parte da “Geração Net” (TAPSCOTT, 2010), ou seja, geração nascida a partir de 1990, que usa as tecnologias digitais para estar conectado com os amigos o tempo todo e em todo lugar, exploram suas funcionalidades, deixam-se desafiar e se adaptam rapidamente e com muita transparência ao novo. Isso se deve ao fato, segundo Castells (2003), de que eles estão no processo de “descobrir a identidade e de fazer experiências com ela, de descobrir o que realmente são ou gostariam de ser” (CASTELLS, 2003, p. 99). Na visão de Veen e Wakking (2009) esses jovens fazem parte de uma geração denominada por eles de *Homo Zappiens*, porque:

⁷Pesquisa TIC Kids Online 2012– pesquisa sobre o uso da internet por crianças e adolescentes no Brasil - desenvolvida pelo Comitê Gestor da Internet (CGI.br), com 2.500 crianças e adolescentes com idade variando entre 5 e 16 anos. Disponível em: <http://cetic.br/usuarios/kidsonline/2012/criancas.htm>

trata a tecnologia como amigo e, quando um novo aparelho surge no mercado, pergunta por seu funcionamento e quer entender como tal aparelho poderia ajuda-lo em seu cotidiano. Para eles, o critério principal para adotar a tecnologia não é o fato de o software ou programa ter boa usabilidade, mas o fato de dar conta ou não de suas exigências e necessidades (p.35).

Para Castells (1999), a chamada revolução tecnológica gerou em paralelo uma nova economia, sociedade e cultura acometida de constante transformação e para manter o fluxo informacional de criação e manutenção dos novos meios de informação e comunicação é necessário um “complexo padrão interativo”, ou seja, uma participação ativa e colaborativa dos sujeitos “em um ciclo de realimentação cumulativo entre a inovação e seu uso” (CASTELLS, 1999, p.51) e não a centralização de conhecimentos por uma pequena parcela da sociedade, enquanto que a maioria apenas consome informações. A participação ativa no meio digital está vinculada ao uso que se faz dele, ao consumo de serviços e bem imateriais, a comunicação que se estabelece com o outro, com o mundo e com um presente construído socialmente, em benefício próprio e da coletividade (trabalho, educação, bem-estar social).

Nesse cenário de conectividade e participação social, a comunicação - todos para todos - que emerge nas redes favorece a proliferação das informações numa velocidade absurda, chegando a espaços antes intransponíveis, deixando, assim de existir um único emissor, mas potenciais emissores e produtores de informação, conhecimento e cultura, rompendo o paradigma da passividade dos sujeitos no processo comunicacional como acontece na comunicação massiva (um para todos).

É também devido a esses fatores que Veen e Wakking (2009) propõem que o sistema educativo adote um modelo pedagógico de aprendizagem para o futuro como forma de atender às novas demandas sociais potencializadas pela Cultura Digital, considerando que esses jovens devem ser educados de modo diferenciado das atuais abordagens pedagógicas, pois possuem comportamentos não lineares, valorizam a instantaneidade e a autonomia na busca pela informação e, por isso, *zapeiam* pelos espaços virtuais de modo hipertextual. Os autores fazem, então, um importante alerta: “em vez de proteger as crianças de um mundo mau, deveríamos estimulá-las a explorar esse mundo, como se estivessem atrelados a uma corda que permitisse voltar com segurança quando necessário” (*Op. Cit.* p. 108). Seria esse o papel da escola?



3 ESCOLA, ESPAÇO DE CRUZAMENTO DE CULTURA(S)? OU O CENÁRIO É OUTRO?

No campo das ciências sociais, a partir das conceituações de Raymond Williams (2000), refletiremos sobre cultura numa perspectiva de “convergência contemporânea”, por compreender, em concordância com o autor, que a cultura passou por significativas transformações no decorrer da História e do seu uso. A mudança do modelo existente de produção industrial para outro baseado na ‘informação’ marcou um período de transição, principalmente com a difusão das Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs) e a democratização da cultura, interferindo nas relações sociais, práticas culturais, valores, normas, tradições e comportamentos de toda sociedade.

Nesse contexto, o autor transpõe o conceito antropológico e sociológico de cultura como “um modo de vida global” de povos e grupos sociais, e a considera como “sistema de significações mediante o qual necessariamente (se bem que entre outros meios) uma dada ordem social é comunicada, reproduzida, vivenciada e estudada” (p. 13). E esclarece que:

[...] há certa convergência prática entre (i) os sentidos antropológico e sociológico de cultura ‘como modo de vida global’ distinto, dentro do qual percebe-se, hoje, um ‘sistema de significações’ bem definido não só como essencial, mas como essencialmente envolvido em todas as formas de atividade social, e (ii) o sentido mais especializado, ainda que também mais comum, de cultura como ‘atividades artísticas e intelectuais’, embora estas, devido à ênfase em um sistema de significações geral, sejam agora definidas de maneira muito mais ampla, de modo a incluir não apenas as artes e as formas de produção intelectual tradicionais, mas também todas as ‘práticas significativas’ – desde a linguagem, passando pelas artes e filosofia, até o jornalismo, moda e publicidade – que agora constituem esse campo complexo e necessariamente extenso (WILLIAMS, 2000, p. 13).

Ainda em referência ao convergir de diferentes culturas na sociedade contemporânea, destacamos a Declaração Universal sobre a Diversidade Cultural publicada em 2001 pela UNESCO (Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura) na qual consta a garantia da diversidade e pluralidade cultural das sociedades emergentes, que se formaram em dissonância aos efeitos da globalização, aos avanços tecnológicos e à democratização do acesso à informação, bem como influenciaram a constituição de novas práticas e produções culturais. O documento resgata a definição de cultura lançada na Conferência Mundial sobre as Políticas Culturais – Mondiacult –, que aconteceu no México em 1982, e reafirma que:

A cultura deve ser considerada como o conjunto dos traços distintivos espirituais e materiais, intelectuais e afetivos que caracterizam uma sociedade ou um grupo social e que abrange, além das artes e das letras, os modos de vida, as maneiras de viver juntos, os sistemas de valores, as tradições e as crenças.

Para Stuart Hall (1997), a cultura deve ser compreendida a partir da ação social e de suas práticas, tanto para quem pratica quanto para quem observa. Nesse sentido, as estratégias culturais devem ser carregadas de muitos e variados sistemas de significado para que os seres humanos possam dar sentido às coisas que os cercam e, assim, possibilitar a codificação, organização e a regulação de sua conduta em relação aos outros. Segundo o autor, os sistemas ou códigos de significado dão sentido às ações e “contribuem para assegurar que toda ação social é “cultural”, que todas as práticas sociais expressam ou comunicam um significado e, neste sentido, são práticas de significação” que quando tomadas na coletividade constituem-se em “nossas culturas”.

Na atualidade, segundo Lemke (2010), as TICs tem substanciando novas práticas sociais de construção de significados, dentre elas o letramento. Os signos e códigos linguísticos presentes na Cultura Digital têm possibilitado o movimento da sociedade contemporânea, da era da escrita para a era da autoria multimidiática, em meio a uma hibridização de culturas e linguagens, substanciando cada vez mais a formação de novos agrupamentos sociais por meio de processos comunicativos emergentes, considerados, portanto, como “práticas de construção de significado pelas quais nós, interpretamos, avaliamos, planejamos e cooperamos, incluindo nossas várias práticas de letramento” (p. 460). O autor preconiza ainda que:

Moveremo-nos para além da era das culturas nacionais e étnicas, para a era dos hibridismos culturais diversos, cada qual com sua comunidade global de membros e aficionados. A nova ordem cultural mundial não será menos diversa e complexa do que a atual, mas sua base se expandirá através da geografia e da herança familiar para incorporar interesses compartilhados e a participação em comunidades centradas em atividades (LEMKE, 2010, p. 468).

De acordo com Santaella (2003) esses processos comunicativos emergentes são construtos de uma cultura das mídias sendo responsáveis por nos tirar da inércia da recepção passiva das mensagens impostas de fora e nos prepararam para a busca da informação e do entretenimento que optamos. Tudo isso oriundo da revolução da digitalização que tornou possível a homogeneização das informações em cadeias sequenciais binárias de 0 e 1 (verdadeiro e falso), entre eles o áudio e o vídeo. Como consequência:

foram fundidas, em um único setor de todo o digital, as quatro principais formas de comunicação humana: o documento escrito (imprensa, revista, livro); o audiovisual (televisão, vídeo, cinema); as telecomunicações (telefone, satélites, cabo) e a informática (computadores, programas informáticos). É esse processo de unificação que costumam chamar de “convergência das mídias” (SANTAELLA, 2003, p.84).

A linguagem multimodal, por sua vez, permite que textos, sons, vídeos, imagens possam ser produzidos e codificados de forma plural, e assim “constrói continuamente suas características, transformando-se à medida que novas formas de captação e registro de sons e imagens vão sendo descobertos/criados” (CÔRTEZ, 2003, p.32). São elementos diferentes que convivem simultaneamente, se complementam e se integram, desenvolvendo “múltiplas atitudes perceptivas: solicita constantemente a imaginação e reinveste a afetividade com um papel de mediação primordial no mundo”. (MORAN, 1995, p.29). Na relação entre as novas formas de comunicação e as linguagens multimodais “os sujeitos constroem um novo mundo de significados, ou seja, desenvolvem o pensamento simbólico, a própria linguagem e as tecnologias” (BONILLA, 2011, p. 78).

Em entrevista, Demo (2008) evidencia que na atualidade as linguagens tornaram-se multimodais, ou seja, “um texto que já tem várias coisas inclusas. Som, imagem, texto, animação, um texto deve ter tudo isso para ser atrativo”, mas quando as crianças se veem numa cultura escolar tradicional, elas “se aborrecem, porque a escola é devagar”, e complementa: “A linguagem do século XXI - tecnologia, internet - permite uma forma de aprendizado diferente” (DEMO, 2008, s.p.).

Hoje, a sociedade encontra-se diante de uma pluralidade de linguagens que diversificam os modos de ler, escrever e se expressar na Cultura Digital, necessitando de letramentos diferenciados e não apenas do tradicional. Ainda segundo Demo, a juventude vive realidades distintas em que o que ela apreende no mundo virtual “são coisas da vida. Quando ela vai para a escola não aparece nada. A linguagem que ela usa na escola, quando volta para casa não vê em lugar nenhum” (DEMO, 2008, s/p). Por isso, a necessidade apontada por Demo (2008) e Veen e Wakking (2009) de se repensar a educação, as relações de saber entre as gerações, a representatividade social e cultural dessa nova geração, assim como o caráter pedagógico das mídias na escola como motivador de novos aprendizados. Compreendendo que as mídias não apenas veiculam, mas possibilitam a construção de discursos e produção de novos sentidos e significados.

De acordo com Santaella (2003), a cultura das mídias situa-se entre a cultura de massa e a “cibercultura”, servindo de elo para alavancar processos comunicacionais de produção, distribuição e consumo de informação. Mídias são meios de comunicação por onde transitam e se materializam diferentes signos e linguagens que, por sua vez, moldam as subjetividades das pessoas e possibilitam o surgimento de novos espaços socioculturais, entre eles, o ciberespaço. Para a autora, as transformações culturais da contemporaneidade são em verdade oriundas desses processos comunicacionais e não somente das inovações tecnológicas.

Atualmente, o grande desafio da escola é se libertar das amarras de um paradigma educacional tradicional onde ainda impera a reprodução e transmissão do conhecimento, para assim incorporar o papel de mediadora e incentivadora de práticas de leitura e escrita numa cultura agora digital, em que diferentes culturas e linguagens transitam e se entrelaçam fora do seu domínio, enquanto que na escola parece predominar a cultura oral e impressa.

A concorrência quanto ao tempo de permanência dos estudantes na sala de aula e a possibilidade de eles estarem nas redes pode até ser considerada desleal, mas o que queremos discutir é que as TICs não podem ser vistas como concorrentes dos processos formativos tradicionais, mas aceitá-las como meios para facilitar o processo de apropriação de diferentes letramentos pelos estudantes. A escola nunca perderá a sua função principal como agência de letramento, contudo questiona-se sua inércia em relação às novas demandas da Cultura Digital da qual os jovens estão incluídos. Nessa perspectiva, Pérez Gómez (2001) propõe considerar a escola como um espaço ecológico onde acontece o cruzamento de culturas que deveria ser tratado de modo diferenciado por causa de sua responsabilidade na formação do cidadão, distinguindo-lhe das demais instituições e instâncias educativas, pois possui uma ação permanente sobre as novas gerações. Importa ainda destacar que a escola é um espaço formativo de referência para a sociedade e por isso possui uma cultura própria – a cultura escolar - repleta de significações (normas, valores, tradições, práticas) que fazem parte do processo de desenvolvimento sociocultural e cognitivo dos sujeitos ao longo da vida.

Gimeno Sacristán (1996, p.34) define a cultura escolar como algo que vai além da aquisição de conteúdos cognitivos. Para o autor “a cultura escolar é uma caracterização ou, melhor dito, uma reconstrução da cultura, feita em razão das próprias condições nas quais a escolarização reflete suas pautas de comportamento, pensamento e organização”. Em relação a isso, chamamos a atenção para o fato de que a escola precisa contemplar questões e valores

emergentes, não devendo ficar restrita a uma cultura hegemônica própria e distante da realidade vivenciada pelos estudantes fora de seus muros.

4 CULTURA JOVEM: DIFERENTES OLHARES PARA A JUVENTUDE

A cultura jovem pode ser compreendida como uma forma de produção de significações de natureza sócio-histórica e comunicacional, cujos processos estão interligados à configuração de diferentes formações sociais relacionadas a um conjunto de elementos entre eles: sexo, idade, raça e classe, e que não se restringe a um repositório de conhecimentos, formas e práticas sociais transmitidas aos jovens (GIROUX, 1992; MARTIN-BARBERO; REY, 2001) por gerações anteriores, mas criadas e recriadas por eles com significações próprias da juventude (fase de vida) a partir do modo de pensar e de agir, das representações e identidades sociais.

A participação da cultura jovem, assim como de suas práticas, não é caracterizada pela faixa etária, desta forma pode variar dos últimos anos da infância, chegando até o final dos 30 anos. Nesta perspectiva, Catani e Gilioli (2008, p. 13) descrevem algumas definições para delimitar a juventude, a saber: faixa etária, variando entre 10 e 35 anos dependendo da situação, como por exemplo: inserção no mercado de trabalho; maturidade/imaturidade dos indivíduos; critérios socioeconômicos (renda, escolarização, casamento, paternidade/maternidade, independência econômica); estado de espírito; estilo de vida e setor da cultura relacionada a expressões culturais.

Na corrente teórica da sociologia, o conceito de juventude é difundido como noção social e assume duas definições de destaque: a noção etária e a da construção social e história. A categorização etária indica um período de transição da infância para a vida adulta marcada pela integração dos jovens na sociedade e por um processo conflitante de desenvolvimento social e pessoal de capacidades e ajustes à vida adulta (ABRAMO, 1997). Nesse sentido, Feixa e Nilan (2009) declaram que fazer parte de uma mesma faixa etária “não significa que os jovens de todo o mundo partilhem uma mesma cultura” (p. 16). Vale, então, considerar que esse período não se reduz a uma simples passagem, mas que deve ser compreendido como “parte de um processo mais amplo de constituição de sujeitos” (DAYRELL, 2003, p.42).

Para Dayrell (2003) o processo como todo sofre influência do “meio social concreto no qual se desenvolve e pela qualidade das trocas que este proporciona”, pois ocorre em contextos sociais com significados diferenciados que se alteram conforme o contexto histórico, social, econômico e cultural em que o jovem está inserido (DAVRELL, 2003, p. 42). Melucci (1997) observa, nessa perspectiva, que deixou de ser uma condição biológica e passou a ser simbólica. As pessoas não podem mais ser consideradas jovens somente pela faixa etária, mas por se assumirem culturalmente jovens.

O sociólogo português Pais (2003) afirma que não há um conceito único para a juventude e em decorrência dessa discussão propõe compreender as diferentes juventudes e os diferentes olhares acerca do tema a partir de duas correntes teóricas: a corrente geracional e a classista. A corrente geracional tem como ponto de partida a juventude como fase de vida, dando ênfase ao aspecto unitário da juventude e relacionando a categoria etária ao utilizar a idade com uma variável de referência. A corrente classista, por sua vez, fundamenta-se na reprodução social classista. Por esta razão, posicionam-se contrários ao conceito de juventude associado a uma fase da vida tendo sua base conceitual direcionada às relações de classe, em termos de gênero, de raça, enfim de classes sociais.

Para Pais (2003) o conceito de cultura juvenil tem sido visto, tanto pela corrente geracional quanto pela classista, como processos de internalização de normas e de socialização no sentido de distinguir os diferentes significados e valores de determinados comportamentos juvenis.

Por cultura juvenil, em sentido lato, pode entender-se o sistema de valores socialmente dominantes atribuídos à juventude (tomada como conjunto referido a uma fase da vida), isto é, valores a que aderirão jovens de diferentes meios e condições sociais. Por exemplo, ao considerar-se o fenômeno da moda através do uso de pares de variáveis como identificação-diferenciação, inovação-passividade, os jovens valorizariam os extremos dos contínuos que apontam para a diferenciação e a inovação, isto é: a moda seria entendida pelos jovens (por todos eles?) como uma possibilidade de expressividade, de auto-realização, de relativa independência de controle social (PAIS, 2003, p.163. Grifos do autor).

Partindo das leituras, é possível perceber que os jovens de periferia estão em trajetórias, muitas vezes, desiguais por causa de diversos fatores, entre eles a desigualdade social, a violência, a falta de emprego, o acesso a uma educação de qualidade, entre outros. Mesmo assim, socializam-se e formam suas comunidades de acordo com seus objetivos, finalidades, valores, estilos de vida e contexto social (renda, religião, raça, língua, classe, gênero) e produzem cultura com características próprias dessa condição juvenil (valores,

significações, regras de convivência, moda, linguagens) e assim vão ampliando sua territorialidade e seus modos de ver e de serem vistos no mundo.

A juventude que vive na periferia dos grandes centros, apesar de viverem em contextos sociais marcados pela ausência de diversos bens culturais, não possuem características diferenciadas da Cultura Digital dos demais jovens. Apesar da carência econômica, social e cultural às quais esses jovens são submetidos, eles se apropriam das tecnologias digitais e estão produzindo conteúdos e materiais, e compartilhando nas redes, como qualquer jovem de classe social mais abastada.

5 CONECTANDO ALGUNS NÓS

A produção audiovisual proposta pela oficina de vídeos de bolso deu indícios de que práticas de autoria multimídia podem favorecer diferentes perspectivas de uso das TIMS, que vão além do simples consumo, oportunizando aos jovens modos e linguagens diferenciadas de se expressar, de se fazer representar no seu meio social e participar mais ativamente de diferentes culturas a partir do seu modo de ser jovem na periferia. Contudo, apesar de terem condições sociais diferenciadas, isso não inibe ou interfere no processo criativo e produtivo desses jovens com as tecnologias digitais, até mesmo considerando que a escola não está contribuindo para que essa brecha digital diminua.

Observamos diversas ações voltadas para a inclusão digital dos jovens de periferia. Contudo, acreditamos que deveriam ser propostas ações voltadas para a inserção da escola na Cultura Digital, de modo mais transparente, e não somente dos jovens, pois estes já fazem parte dela. Porém, a escola precisa orientá-los para serem consumidores críticos, produtores e distribuidores de uma forma de cultura, de linguagem e de sociabilidade própria da idade. E não se tornarem reféns de uma cultura hegemônica, em que as mídias ditam moda, valores e estilos.

Hoje, a diversidade e a disseminação das TIMS, principalmente entre os jovens, nos leva à reflexão sobre a relação entre mídia e educação numa perspectiva ecológica, principalmente dentro da escola, considerada como sendo a mais importante das “agências de letramento” (KLEIMAN, 2008, p.20). Os jovens produzem com esses dispositivos tecnológicos em todos os lugares e esses conteúdos versam sobre diversos temas, que surgem dentro e fora da escola. Nesta perspectiva, o trabalho educativo não deve se restringir ao uso

das tecnologias em laboratórios multimídia, e sim possibilitar que os estudantes as utilizem em diferentes espaços para assim estabelecer interações, construir relações e dar sentido às suas práticas, numa perspectiva global (FANTIN, 2006). O seu papel não pode ficar restrito à assimilação da cultura universal nem somente à capacitação dos jovens para o mercado de trabalho e, sim, “oferecer espaços e tempos de ensino-aprendizagem significativos e desafiantes para os contextos sociopolíticos e culturais atuais e às inquietudes de criança e jovens” (CANDAUI, 2009, p.13).

REFERÊNCIAS

ABRAMO, Helena Wendell. Considerações sobre a tematização social da juventude no Brasil. **Rev. Bras. Educ.**, Rio de Janeiro, n. 5/6, p. 25-35, maio/dez. 1997.

BONILLA, Maria Helena Silveira. Formação de professores em tempos de WEB 2.0. In: FREITAS, Maria Teresa de Assunção (Org.). **Escola, tecnologias digitais e cinema**. Juiz de Fora: UFJF, 2011. p. 59-88.

CANDAUI, Vera Maria. Multiculturalismo e educação: desafios para a prática pedagógica. MOREIRA, Antonio Flávio Barbosa; CANDAUI, Vera Maria. (Org.). **Multiculturalismo: diferenças culturais e práticas pedagógicas**. 4 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede: a era da informação: economia, sociedade e cultura**; v. 1. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

CASTELLS, Manuel. **A galáxia da Internet: reflexões sobre a internet, os negócios e a sociedade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003.

CATANI, Afrânio Mendes; GILIOLI, Renato de Sousa P. **Culturas juvenis: múltiplos olhares**. São Paulo: Editora UNESP, 2008.

COSTA, Rogério. **A cultura digital**. Publifolha, 2002.

DAYRELL, Juarez. O jovem como sujeito social. **Rev. Bras. Educ.**, Rio de Janeiro, n.24, p.40-52, set./dez. 2003.

DEMO, Pedro. Pedro Demo aborda os desafios da linguagem no século XXI. Curitiba: Nota 10 Editorial, 2008. Disponível em: <http://www.nota10.com.br/artigo/noticia-detalle/_Pedro-Demo-aborda-os-desafios-da-linguagem-no-seculo-XXI> . Acesso em: 11 fev. 2013.

FANTIN, Monica. **Mídia-educação: conceitos, experiências, diálogos Brasil-Itália**. Florianópolis: Cidade Futura, 2006.

FEIXA, Carlos; NILAN, Pam. Uma juventude global? identidades híbridas, mundos plurais. **Política & Trabalho**: revista de Ciências Sociais. João Pessoa, n. 31, p.13-28, set. 2009. Disponível em: <<http://periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/politicaetrabalho/article/view/6818/4253>>. Acesso em: 3 mar. 2013.

GIMENO SACRISTÁN, José. Escolarização e cultura: a dupla determinação. In: SILVA, L. H. da (Org.). **Novos mapas culturais, novas perspectivas educacionais**. Porto Alegre: Sulina, p. 58-74, 1996.

GIROUX, Henry A. **Escola crítica e política cultural**. Tradução Dagmar M. L. Zibas. 3.ed. São Paulo: Cortez ; Autores Associados, 1992.

HALL, Stuart. A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 22, n.2, p. 15-46, jul./dez. 1997.

KLEIMAN, Angela B. Modelos de letramento e as práticas de alfabetização na escola. In: _____. (Org.). **Os significados do letramento**: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita. Campinas: Mercado das Letras, 2008.

LEMOS, André; COSTA, Leonardo. Um modelo de inclusão digital: o caso da cidade de Salvador. In: **Eptic Online**: Revista de Economía Política de las Tecnologías de la Información y Comunicación, São Cristóvão, v.8, n.6, sep./dic. 2005.

LEMKE, Jay L. Letramento metamidiático: transformando significados e mídias. **Trabalhos em Linguística Aplicada**, Campinas, v. 49, n. 2, p. 455-479, 2010.

MAIA, Junot de Oliveira. Novos e híbridos letramentos em contexto de periferia. In: ROJO, Roxane et al (Org.). **Escol@ conectada**: os multiletramentos e as TICs. São Paulo: Parábola, 2013.

MARTIN-BARBERO, Jesus; REY, German. **Os exercícios do ver**. São Paulo: Senac, 2001.

MELUCCI, Alberto. Juventude, tempo e movimentos sociais. **Rev. Bras. Educ.** Rio de Janeiro, n.5/6, maio/dez. 1997.

MORAN, José Manuel. O vídeo na sala de aula. **Comunicação e Educação**. São Paulo, v.1, n.2, p. 27-35, jan./abr. 1995.

PAIS, José Machado. **Culturas juvenis**. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2003.

PELLANDA, Eduardo Campos. Comunicação móvel: das potencialidades aos usos e aplicações. **Em Questão**, Porto Alegre, v.15, n. 1, p.89-98, jan./jun. 2009.

PÉREZ GÓMEZ, Angel I. **Cultura escolar na sociedade neoliberal**. Porto Alegre: ARTMED, 2001.

SACCOL, Amarolinda. **M-learning e u-learning**: novas perspectivas das aprendizagens móvel e ubíqua. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2011.

SANTAELLA, Lucia. **Cultura e artes do pós-humano**. São Paulo: Paulus, 2003.

TAPSCOTT, Don. A hora da geração digital. Rio de Janeiro: Agir Negócios, 2010.

VEEN, Wim; VRAKKING, Ben. **Homo zappiens**: educando na era digital. Tradução Vinicius Figueira. Porto Alegre: Artmed, 2009.

WILLIAMS, Raymond. **Cultura**. 2.ed. Tradução Lólio Lourenço de Oliveira. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2000.

Como citar este texto:

NOGUEIRA, Márcia Gonçalves; PADILHA, Maria Auxiliadora Soares. Cultura digital jovem: as TIMS invadem as periferias, e agora?. **ETD - Educação Temática Digital**, Campinas, SP, v. 16, n. 2, p.60-78, maio/ago. 2014. ISSN 1676-2592. Disponível em: <<http://www.fe.unicamp.br/revistas/ged/etd/article/view/6394>>. Acesso em: 29 Ago. 2014.